



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Departamento de Sociologia**

**Trabalho de Fim de Curso**

**Título:**

**Construção e Gestão da Identidade Homossexual das Lésbicas em Moçambique**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Autor:**

**Sheila Kátia Fernando Marta Saiete**

**Supervisor:** Dr. Carlos Cuinhane

Maputo, Agosto de 2011

**Título:**

**Construção e Gestão da Identidade Homossexual das Lésbicas em Moçambique.**

**Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.**

**Autor:**

**Sheila Kátia Fernando Marta Saiete**

**Supervisor:**

**Dr. Carlos Cuinhane**

Maputo, Agosto de 2011

**ÍNDICE**

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	I
DEDICATÓRIA.....	II
AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	VI
INTRODUÇÃO .....	4
CAPÍTULO 1: Contextualização e Justificativa.....	14
CAPÍTULO 2: Revisão da literatura.....	18
CAPÍTULO 3: Metodologia e procedimentos técnicos da pesquisa .....	28
CAPÍTULO 4: Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
BIBLIOGRAFIA .....	51
ANEXO .....	53

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Declaro que esta monografia nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau e ela é resultado de investigação pessoal, estando indicadas no texto a bibliografia e as fontes usadas na sua elaboração.

Maputo, Agosto de 2011

---

(Sheila Kátia Fernando Marta Saiete)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia ao meu pai, Fernando Pedro Saiete, que tudo fez para que tanto eu, como os meus irmãos tivéssemos a possibilidade de estudar. Pelos sábios ensinamentos, o apoio moral que sempre deu e por ter acreditado em mim, sempre. Descanse em paz meu Pai. À minha mãe pela mulher forte que foi e continua sendo, és um exemplo a seguir.

Ao meu colega e amigo Edgar Ibraimo, é lamentável que não possas estar entre nós agora, a nossa caminhada sem ti... Descansa em paz “my friend”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela inspiração e por não ter-me faltado nos momentos em que mais precisei de força e incentivo para seguir a estrada da vida. A minha amada família, Dna. Marta (mãe), mano Gito, Nilton e Nonó (irmãos) pela presença e puxões de orelha sempre que foi necessário.

Agradeço também a toda turma de 2006, foram 4 anos de convivência bem aproveitados, aprendi muito convosco e já sinto a vossa falta. Ao meu grupo de estudo “Kool and the Gang” (Alson Culhe, Elsa Cassamo, Kátia Chabela, Mwema Uaciquete e Edgar Ibraimo – my friends) vai um abraço bem forte, sem vocês os 4 anos de faculdade teriam sido muito mais difíceis, adoro-vos. Alô!

Gostaria de agradecer a todos os docentes do Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane que muito pacientemente dedicaram-se a transmitir-nos os seus conhecimentos.

E, por fim, ao meu melhor amigo Alexandre Alexandre, obrigada por estares sempre presente – ILU.

Que Deus abençoe a todos!

## **RESUMO**

Nesta monografia intitulada “*Construção e Gestão da Identidade Homossexual Lésbica em Moçambique*” apresentamos uma abordagem sociológica sobre os processos de construção e gestão identitária das mulheres lésbicas filiadas à Associação Lambda na cidade de Maputo. O estudo tinha como objectivo principal compreender como é que as mulheres lésbicas constroem e gerem a sua identidade através das interacções que mantêm nos diversos espaços que frequentam.

Para análise do tema proposto usou-se a teoria de Estigma de Erving Goffman (1980) e três conceitos fundamentais, nomeadamente, “identidade social” para captar a dimensão identitária da homossexualidade, “sexualidade” para compreender a homossexualidade e o “estigma” para perceber com base neste os comportamentos adoptados pelas homossexuais. Em termos metodológicos, pautamos pela abordagem hipotético-dedutiva e pelo procedimento monográfico. No trabalho de campo usou-se a revisão de literatura e as entrevistas semi-estruturadas. Os resultados revelam que as mulheres lésbicas assumem a identidade homossexual e adoptam um conjunto de estratégias de gestão da imagem que incluem a omissão da orientação sexual em determinados espaços de sociabilidade como escola, família e círculos de amizade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Homossexualidade, sexualidade, estigma e identidade social.*

**ABSTRACT**

In this monograph entitled “*Construction and Management of Lesbians Homosexual Identity in Mozambique*”, we present a sociological approach on the processes for the construction and management of the identity of lesbian women members of the Maputo City Lambda Association. Our main objective is to understand how lesbian women build and manage their identity through their interactions in various social spaces. The Theory was based in Erving Goffman’s (1980) Stigma Approach, and concepts such as, the social identity that were applied to capture the dimension of identity in homosexuality and sexuality in order to understand homosexuality. With regard to methodology, we utilize the hypothetical-deductive approach and the monographic procedure. Literature review and in-depht interviews were used to collect data. In terms of outcomes, study reveals that lesbian women assume their homosexual identity and adopt a number of strategies to manage their image, including, the omission of their sexual orientation in certain social spaces such as school, family and friendship circles.

**KEY-WORDS:** *Homosexuality, sexuality, stigma, and social identity.*

**ABREVIATURAS**

HIV/SIDA	: Human Immunodeficiency Virus/Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
LDH	: Liga dos Direitos Humanos
LGBTI	: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais
SOICO	: Sociedade Independente de Comunicação
STV	: SOICO Televisão
UEM	: Universidade Eduardo Mondlane
WLSA	: Woman and Law in Southern Africa

## **INTRODUÇÃO**

A homossexualidade é um assunto que tem vindo a ser referido em órgãos de informação Moçambicanos, como a STV, Jornal a Verdade e Savana. Reportagens e debates<sup>1</sup> têm sido produzidos num contexto em que as organizações de promoção dos direitos humanos, como são os casos da *Woman and Law in Southern Africa (WLSA)* e da *Liga dos Direitos Humanos (LDH)* se desdobram na possibilidade de defesa dos direitos homossexuais e na possibilidade de permissão do casamento de indivíduos do mesmo sexo.

Porém, paralelamente a isso e tendo em conta a informação publicada nestas reportagens e principalmente nos debates referidos, há que considerar que no contexto moçambicano os homossexuais ainda sofrem estigma em algumas instituições da sociedade e por essa razão, estes adoptam um conjunto de estratégias para gerirem sua “identidade proibida”.

Esta monografia tem como tema “*Construção e gestão da identidade homossexual das lésbicas em Moçambique: caso das mulheres lésbicas da Associação Lambda na cidade de Maputo*”. O objectivo geral nesta monografia consiste *em compreender como é que as mulheres lésbicas constroem e fazem a gestão da sua identidade, particularmente aquelas que são associadas da Lambda na cidade de Maputo*.

O alcance do objectivo geral desta pesquisa passou também pela definição de dois outros objectivos específicos:

- O primeiro consiste em analisar como é construída a identidade social de mulheres lésbicas;
- O segundo objectivo específico consiste em identificar as estratégias de gestão identitária das mulheres lésbicas da Associação Lambda em Maputo.

Nesta pesquisa pretendemos perceber as relações e interacções entre os homossexuais a partir do ponto de vista das mulheres homossexuais. Trata-se de um exercício que consiste em perceber a

---

<sup>1</sup> Por exemplo a reportagem do Jornal a Verdade On-Line A VERDADE do dia 14 de Maio de 2010 e o debate sobre a homossexualidade promovido pela SOICO Televisão no dia 11 de Maio de 2010.

trajectória destas mulheres, as características das suas relações com os outros e a gestão da sua identidade perante os demais membros da sociedade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, partimos do princípio que no processo de socialização e no contexto das relações sociais de género, homens e mulheres são preparados para desempenhar papéis sociais diferentes e desiguais sendo que, essa diferença e desigualdade tem sido justificada pelas diferenças biológicas entre ambos. A mulher é preparada para maternidade e para o espaço doméstico e a prática sexual é entendida como voltada para fins de procriação. Quando determinadas mulheres se orientam por um quadro diferente daquele estabelecido pela socialização, elas são rotuladas desviantes e estereotipadas. Assim estes actores procuram adoptar um conjunto de estratégias para manipular e gerir sua imagem já deteriorada perante os demais membros da sociedade (Osório, 2008).

Em Moçambique, apesar de algumas organizações (WLSA e LDH) procurarem defender os direitos dos homossexuais, ainda existem tabus e crenças com relação a homossexualidade. Tendo em conta a existência de tabus e crenças a volta da homossexualidade e mais ainda, do facto das mulheres homossexuais terem consciência da implícita e explícita “proibição” da homossexualidade, procuramos perceber como as mulheres lésbicas se identificam e se afirmam como homossexuais bem como, que estratégias adoptam para superar os constrangimentos do dia-a-dia na sociedade.

O pressuposto do problema é o de que as homossexuais têm consciência da implícita e explícita “proibição” da homossexualidade o que as leva a adoptarem um conjunto de estratégias para gerirem e manipularem suas identidades. Assim, nesta pesquisa procuramos captar essas estratégias e perceber as lógicas que orientam as interacções sociais entre as mulheres lésbicas e os demais membros da sociedade, interacção esta que concorre para a produção da identidade social das lésbica. Procuramos compreender como as mulheres lésbicas constroem suas identidades sociais e em processo de interacção entre si e com os outros (heterossexuais).

Desta forma, nesta monografia buscamos responder a seguinte questão de partida: *de que modo as mulheres lésbicas da Associação Lambda na cidade de Maputo constroem e gerem a sua identidade homossexual?* Esta questão de partida é respondida através de uma hipótese de trabalho segundo a qual, *as mulheres lésbicas assumem a identidade homossexual e adoptam um*

*conjunto de estratégias de gestão da imagem que incluem a omissão da orientação sexual em determinados espaços de sociabilidade (escola, família, círculos de amizade).*

O fundamento desta monografia se baseia na ideia da existência de um processo através do qual homossexuais, nas suas interações e relações sociais que estabelecem no quotidiano, produzem e gerem sua identidade sexual em função do contexto em que estão inseridos. Ou seja, a forma como os homossexuais gerem a sua maneira de ser e estar, varia de acordo com a situação ou local de sociabilidade em que estão inseridos.

A pesquisa baseou-se na *teoria de estigma de Goffman (1980)*. Este autor argumenta que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados. Quando o indivíduo não reúne determinadas características que a sociedade definiu como categorias para determinar a normalidade, este é portador de um estigma ou seja, o indivíduo é desacreditado por possuir um defeito, fraqueza ou desvantagem social (Goffman, 1980).

O problema teórico da pesquisa está assente na teoria interacionista de Goffman (1980) e consiste na necessidade de perceber como as identidades sociais dos indivíduos variam em função das situações específicas nas quais se encontram. Defendemos, a luz deste quadro teórico, que os indivíduos homossexuais assumem diferentes identidades dependendo de com quem interagem. Nem todos sabem das opções sexuais das mulheres lésbicas e isso determina o comportamento destas em função desse conhecimento que os outros detêm ou não.

No que diz respeito a metodologia, primou-se pelo método de abordagem hipotético-dedutivo e método de procedimento monográfico na medida em que a elaboração da pesquisa passou por uma predefinição do problema que foi respondido através de uma hipótese. Para a recolha de dados foram usadas entrevistas exploratórias e semi-estruturadas. A pesquisa é qualitativa e a análise dos dados recolhidos foi feita através dos conceitos e do quadro teórico propostos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro capítulo é referente a contextualização onde apresentamos algumas considerações sobre a homossexualidade na história da humanidade bem como, apresentamos também a justificativa e a relevância teórica da pesquisa. No segundo

capítulo procede-se a revisão de literatura que consiste na apresentação das abordagens e perspectivas de análise sobre a homossexualidade bem como, a discussão da teoria e dos conceitos usados nesta monografia.

O terceiro capítulo é dedicado a apresentação da metodologia que foi seguida onde discute-se as abordagens, os procedimentos e as técnicas de recolha de dados. Finalmente, no quarto capítulo apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa, focalizando os aspectos inerentes a construção e gestão da identidade homossexual feminina na cidade de Maputo.

## **CAPÍTULO 1**

### **Contextualização e Justificativa**

#### **1.1. A homossexualidade na história da humanidade**

Falar da homossexualidade na história da humanidade nos remete a fazer análises sobre como ao longo do tempo a questão do envolvimento sexual entre indivíduos do mesmo sexo foi entendida em diferentes lugares. É importante realçar que a homossexualidade é bastante antiga, e assumiu várias e diferentes formas e funções ao longo da história da humanidade.

Autores como Foucault (1988) e Weeks (1999) discutem a forma como a homossexualidade foi sendo encarada ao longo dos tempos e referem que a homossexualidade foi e tem sido alvo de admiração ou de condenação de acordo com as normas sexuais vigentes nas diferentes culturas e épocas. Por exemplo, na Grécia a homossexualidade era admirada e vista como uma maneira de melhorar a sociedade enquanto que na Europa Ocidental Medieval a homossexualidade era vista como um pecado, uma doença e algumas vezes era condenada por lei (Weeks, 1999).

Segundo Weeks (idem), há registos de envolvimento sexual entre indivíduos do mesmo sexo na antiguidade grega e romana. Contudo, tais práticas não eram entendidas como sendo homossexuais pois, na época acreditava-se que tal servia sobretudo para fortalecer a masculinidade dos homens, que passavam a gozar de muito prestígio em virtude de se envolverem com outros homens. Este quadro muda na Idade Média onde o Cristianismo já exercia grande influência no Ocidente. E, constrói-se assim uma nova ruptura na sexualidade onde o prazer e o erotismo deveriam ser excluídos em absoluto. Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem (Foucault, 1988).

O termo “homossexualidade” também continuava desconhecido e a sexualidade passou a ser controlada. O sexo por prazer era considerado actividade suja e degradante, extremamente repulsiva perante o “sagrado”. O homem não deveria se entregar ao prazer da carne. O sexo estava apenas reservado para procriação e deveria ser isento de erotismo. Nesta época, a homossexualidade passou a ser vista como crime passível à pena de morte, assim como o adultério e o incesto (Weeks, 1999).

Segundo Weeks, estas normas eram clara oposição do clero frente a homossexualidade e a sexualidade pelo facto de serem os principais defensores dos ideais da Igreja Cristã: Deus deu a sexualidade ao homem apenas para procriação. Qualquer actividade que levasse ao prazer erótico era pecado mortal. Sodoma e Gomorra<sup>2</sup> são exemplos do que o Deus judaico-cristão é capaz de fazer para quem ousar desfrutar dos prazeres sexuais. Ainda assim as práticas homossexuais persistiram as escondidas contudo, as penas eram severas para aqueles que fossem descobertos.

Na Idade Moderna (entre os séculos XVI e XVIII) o quadro da Idade Média em relação a homossexualidade prevalece e somente a partir do século XIX a mesma desperta interesse de alguns estudiosos europeus. Nessa época havia várias explicações para homossexualidade: alguns entendiam-na como doença e que devia ser estudada e tratada. É neste contexto que surge o termo homossexual criado pelo médico húngaro Karól Benkert em 1869 para designar aqueles que sentem atracção por outro individuo do mesmo sexo (Weeks, 1999).

No século XIX, surge um novo conceito da homossexualidade. O homossexual é visto como um doente perverso que representa uma ameaça as boas famílias sendo por isso necessário tratá-lo. Esta concepção está ligada ao contexto da sociedade europeia em que dominava o patriarcado. O patriarcado era o modelo dominante nas sociedades europeias e não dava espaço para que indivíduos do mesmo sexo sentissem atracção uns pelos outros. Segundo Weeks (1999), no século XX o palco reservado ao homossexual na Europa e nas Américas é o da segregação social e moral, além da violência praticada por grupos que se declaram, literalmente, “caçadores de homossexuais”.

No mesmo século surgiram os movimentos que começaram a defender as minorias sexuais. Exigindo que a homossexualidade seja reconhecida como legítima tendo em conta o princípio da liberdade de escolha dos indivíduos. Nas décadas de 1990 e 2000, muitos Estados europeus (Holanda, Portugal e Inglaterra) são levados a aprovar a legislação que protege os homossexuais. Contudo, ainda assim, a homossexualidade não é igualmente aceite em todos contextos e mesmo naqueles países em que ela é legalmente permitida, ainda há registo de violência, preconceito e estigma em relação a este grupo sexual minoritário (Weeks, 1999).

---

<sup>2</sup> Sodoma e Gomorra são duas cidades da antiguidade referenciadas no Livro Sagrado Judaico-Cristão, como tendo sido destruídas por Deus devido aos pecados sexuais dos seus habitantes (Foucault, 1988).

No contexto moçambicano a informação que existe foi produzida por Organizações que se dedicam a defesa dos direitos humanos das minorias sexuais, como é caso da Woman and Law in Southern Africa (WLSA), Lambda e Liga dos Direitos Humanos (LDH). De acordo com a WLSA (2008), em Moçambique há um vazio legal no que concerne a questão da homossexualidade, provavelmente pelo facto de não estar clarificado na Lei moçambicana se ela é aceite ou não. Outro ponto relevante levantado pela WLSA é a inexistência de informação sobre o percurso histórico da homossexualidade no país. Não há documentos que relatam as percepções da homossexualidade ou a experiência de vida dos homossexuais.

É no contexto destas lacunas de estudos sobre a homossexualidade em Moçambique que desenvolvemos o presente estudo. A ideia principal é desenvolver uma abordagem que permita compreender os processos de construção e gestão da identidade homossexual das mulheres lésbicas em Moçambique, com particular destaque as que estão filiadas à Associação Lambda.

## **1.2. Justificativa e relevância teórica da pesquisa**

A homossexualidade é entendida em muitos casos como algo anormal e que contraria o processo de socialização que define a prática sexual para fins procriativos e entre indivíduos de sexos opostos. Esta pesquisa procura entender a homossexualidade feminina a partir do ponto de vista das mulheres lésbicas ou seja, das mulheres homossexuais. Pretende-se partir do objecto para perceber a situação do “próprio objecto”, olhando para os aspectos inerentes à construção e gestão identitária e as relações sociais entre as mulheres lésbicas e outros indivíduos com que interagem no quotidiano.

A escolha deste tema prende-se com o facto de se considerar que os homossexuais representam um grupo de seres sociais com formas próprias de entender a sexualidade e que definem a sua identidade com base na orientação sexual. Assim, procurou-se analisar a homossexualidade do ponto de vista das mulheres homossexuais não só por agirem e se comportarem sexualmente diferente, mas, também pelo facto de em termos de informação bibliográfica, artigos disponíveis na internet, nos debates promovidos pela STV existir uma tendência de se focalizar apenas a homossexualidade masculina. A homossexualidade feminina ainda está escondida, ofuscando o conceito de homossexualidade em Moçambique.

Teoricamente, a pesquisa é relevante na medida em que procura analisar os processos de construção da identidade social das mulheres homossexuais através da ideia de estigma. Há aqui um destaque para o produto das relações e interacções sociais entre as mulheres lésbicas com os demais membros da sociedade, num contexto em que persiste o tabu em relação a homossexualidade.

Deste modo, a pesquisa abre espaço para a discussão da questão da identidade homossexual à partir das interacções sociais que os indivíduos estabelecem. Além disso, apresenta-se um importante contributo para as análises da Sociologia das Identidades Sociais ao articular a teoria de estigma de Goffman (1980) com os processos de construção da identidade de um grupo específico de indivíduos que é portador de atributos depreciativos decorrentes das suas opções sexuais.

## **CAPÍTULO 2**

### **Revisão da literatura**

#### **2.1. Algumas abordagens e perspectivas sobre a homossexualidade**

No contexto moçambicano, estudos sobre a homossexualidade ainda são escassos sendo que grande parte da informação existente sobre a mesma é produzida ao nível das organizações que se dedicam à defesa dos direitos homossexuais. Contudo, existem alguns estudos sobre a homossexualidade que foram produzidos em Moçambique por autores como Arthur (2004) e Bagnol (1996). São várias as perspectivas usadas para analisar a homossexualidade: representações sociais, identidades sociais, sexualidade, entre outras.

Lacerda *et al*, (2002), argumenta que existem várias formas de preconceitos sobre a homossexualidade e que a tolerância a minorias sexuais ainda é bastante reduzida, demonstrando que o mesmo é expressão do senso comum, de um processo sócio-cognitivo que liga o indivíduo ao contexto de que é produto.

Ao analisar na perspectiva das representações sociais, Lacerda *et al*, (2002) defendem que “a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais são construções sócio-históricas (...) e as representações sociais que as pessoas têm feito da homossexualidade é que permitirá entender a existência de diversas formas de preconceito” (Lacerda *et al*, 2002:167). O que estes autores argumentam é que a homossexualidade foi entendida de diferentes maneiras ao longo da história da humanidade e que esses entendimentos devem ser relacionados a ideologia dominante em cada um dos contextos históricos específicos.

Segundo Pecheny (2004), os homossexuais vivem “por dentro do armário” ou seja, mantêm identidades secretas e/ou identidades duplas. Segundo este autor, a consciência dos homossexuais em relação ao preconceito e a expectativa que se cria sobre a orientação sexual a adoptar, fazem com que estes levem uma vida dupla: por um lado, heterossexuais no espaço público e, por outro lado, homossexuais no espaço privado.

A gestão da identidade dos homossexuais inclui também o segredo, a escolha de a quem revelar a orientação homossexual. Segundo Pecheny (2004), muitas vezes os homossexuais formam

grupos, em alguns casos secretos, onde falam abertamente sobre a sua orientação sexual, uma atitude que é adoptada como forma de superar a estigmatização e a discriminação a que estão sujeitos. Pecheny (2004), refere ainda que a discriminação aos homossexuais pode ser implícita ou explícita e que se traduz muitas vezes na dificuldade que os homossexuais enfrentam para se integrar em determinados espaços na sociedade.

Numa perspectiva que procura explorar os elementos inerentes aos cuidados de saúde sexual entre as lésbicas, Facchini (2004), argumenta que é também necessário analisar questões como HIV/SIDA<sup>3</sup> e outras doenças de transmissão sexual, pois estas transcendem à orientação sexual e podem afectar todos indivíduos que tem tido envolvimento sexual com outros indivíduos, independentemente de tal envolvimento ser homossexual ou heterossexual.

“Para além da invisibilidade da sexualidade de cada mulher que transa com outra mulher e vai ao ginecologista sem relatar a sua orientação sexual, a própria questão da saúde de tais mulheres está ainda hoje “dentro do armário” (Facchini, 2004:36). Em outras palavras, a autora entende que ao procurar os serviços de ginecologia, por exemplo, as mulheres homossexuais fazem-no sem revelar a sua orientação sexual o que torna difícil uma análise sobre os níveis de propensão destas à determinadas doenças de transmissão sexual.

No contexto moçambicano, duas autoras merecem destaque nesta monografia, nomeadamente, Arthur (2004) no seu artigo intitulado *homossexualismo e direitos humanos* e Bagnol (1996), no seu artigo intitulado *Diagnóstico de orientação sexual em Maputo e Nampula*.

Arthur (2004), critica o posicionamento segundo o qual a homossexualidade é uma “mala” importada do estrangeiro e que devido a pobreza, muitos jovens se entregam e não mais conseguem sair. Muitas vezes, tal posicionamento atrela-se na ideia de defesa dos “bons costumes” considerando a homossexualidade como um “mal moral” e o homossexual um “assassino”.

Contudo Arthur (2004), defende a existência de um discurso de defesa dos direitos homossexuais em Moçambique e que se assenta na Declaração Universal dos Direitos Humanos que consagra o

---

<sup>3</sup> Vírus de Imunodeficiência Humana/Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

direito ao gozo de liberdades individuais e dos povos, e à diversidade. Assim sendo, os indivíduos são livres de viver a sua sexualidade pois, são conscientes do que fazem e não são coagidos para tal. Para além disso, Arthur defende que o discurso predominante sobre a homossexualidade no contexto moçambicano tem uma carga ideológica muito forte e é falsa a ideia de que a mesma é importada do ocidente.

Bagnol (1996) no seu artigo, intitulado *Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula*, mostra que a homossexualidade no país vem sendo praticada a bastante tempo e que existem grupos sociais como de mineiros, prisioneiros, soldados e curandeiros, onde as práticas homoeróticas são muito frequentes. Segundo a autora, tais práticas são frequentes, devido, por um lado, ao convívio longo e permanente com indivíduos do mesmo sexo (mineiros, soldados e prisioneiros) e, por outro lado, devido ao ofício, no caso dos curandeiros que alegam ser possuídos por espíritos que os fazem se envolver com indivíduos do mesmo sexo.

Contudo, a autora refere que o segredo continua sendo o marco característico dos indivíduos que alguma vez tiveram envolvimento homossexual. Ex-soldados e ex-mineiros, mesmos sendo heterossexuais, nalgumas vezes assumem que já tiveram envolvimento com indivíduos do mesmo sexo e algumas zonas rurais, onde também é possível identificar práticas homossexuais, os casos são mantidos em segredo (idem).

Bagnol (1996) refere que nas cidades de Maputo e Nampula existem casais homossexuais conhecidos, sobretudo de estrangeiros. E que existem também grupos de homossexuais nos quais os *gays* assumem a sua orientação sexual. Faz referência a dois factos importantes: primeiro, ao facto da invisibilidade dos homossexuais ser entendida como estratégia para a manutenção do equilíbrio das famílias de origem dos homossexuais e, segundo, o facto do envolvimento homossexual entre mulheres ser entendido como repúdio às relações de dominação dos homens sobre as mulheres.

Diante destas perspectivas, entendemos que a questão da construção da identidade dos homossexuais ainda não foi muito aprofundada. Assim, nossa proposta de pesquisa vai no sentido de captar e analisar os processos de construção e gestão da identidade homossexual das mulheres lésbicas na cidade de Maputo. Identificando e analisando as estratégias adoptadas pelas

mulheres homossexuais para gerirem a sua identidade, tendo em conta a homofobia<sup>4</sup> e a ideia de sexo para procriação que ainda prevalecem.

## **2.2. Quadro teórico: Estigma – notas sobre manipulação da identidade deteriorada**

Nesta monografia escolhemos como quadro teórico a abordagem de Erving Goffman (1980) que discute a construção e gestão das identidades sociais de grupos estigmatizados e minoritários. Influenciado pela sua abordagem dramaturgica, a sociologia identitária de Goffman (1980) pressupõe que as identidades sociais são socialmente construídas nas interações sociais que os indivíduos desenvolvem no quotidiano.

Goffman (1975; 1980) aborda nas suas obras a questão da construção e gestão das identidades sociais e entende que as mesmas não são estáticas pois variam de acordo com a situação de interação social em que o indivíduo se encontra. Noutras palavras, o autor entende que os indivíduos estão permanentemente a representar papéis sociais<sup>5</sup> que variam de acordo com a situação de interação na qual se encontra.

Goffman (1980), defende que o estigma é bastante antigo e era usado pelos gregos para designar sinais corporais e físicos que evidenciassem algo extraordinário ou de mau nos indivíduos. Tais sinais, feitos geralmente a escravos e traidores com recurso a fogo ou instrumentos cortantes, avisavam aos demais da presença de indivíduos poluídos e que deviam ser evitados em público. Na actualidade o termo ganhou um sentido vasto e designa uma série de situações ligadas sobretudo à desgraça dos indivíduos.

O autor entende que a sociedade cria um conjunto de categorias e atributos que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos devem se comportar e agir. São essas categorias e

---

<sup>4</sup> Termo usado para designar a aversão à homossexualidade e que se traduz muitas vezes na discriminação, perseguição e, não menos, violência contra indivíduos que se assumem homossexuais.

<sup>5</sup> Segundo Goffman (1975), papel social são os elementos que permitem a quem observa a cena, identificar determinada situação.

atributos que definem a identidade social do indivíduo e vai determinar a forma como este se relaciona com os demais membros da sua colectividade.

Os meios que a sociedade usa para definir a normalidade moldam-se também em expectativas sobre como os indivíduos devem agir. Diante disso o autor distingue a identidade virtual, que se constitui naquilo que a sociedade espera que o indivíduo seja, da identidade real, que se constitui na forma como o indivíduo é. O facto é que sobre as acções e comportamentos dos indivíduos a sociedade constrói expectativas e para que tais expectativas sejam correspondidas, estes mesmos indivíduos são sujeitos a um processo de socialização onde aprendem as normas e regras da sociedade que integram.

Ora, quando um indivíduo aparece com

“evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído (...), deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (...) e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” (Goffman, 1980:6).

Segundo Goffman (idem), estamos diante do estigma quando um indivíduo determinado apresenta uma característica ou atributo que deprecia dos demais membros da sociedade, algo que faz com que o mesmo seja considerado anormal, um indivíduo desacreditável e que sobre ele se constroem vários estereótipos.

Goffman (1980) distingue três tipos de estigma, nomeadamente:

- a) Estigma físico, relacionado com as abominações do corpo, as várias deformidades físicas, por exemplo, paralisia, cicatrizes;
- b) O estigma pessoal, relacionado com as culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical;

- c) Estigma social, relacionado com as origens tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família, por exemplo, o racismo, ser membro de uma minoria étnica ou religiosa.

Goffman (idem), afirma que em todos os tipos de estigma uma característica comum predomina: o indivíduo portador de um estigma possui um traço que chama atenção e que o afasta daqueles com quem se encontra, distraíndo assim qualquer possível atenção para outros atributos seus. Assim, existe o estigmatizado, que é aquele que possui características ou atributos não previstos pela colectividade e existe o normal, aquele que se afasta do portador de características de descrédito.

“Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efectivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original” (Goffman, 1980:8).

O estigmatizado descobre que é diferente, na medida em que enfrenta dificuldades para se integrar socialmente, devido a uma característica física ou social de que é portador. Segundo Goffman (ibidem), várias podem ser as respostas que o portador de um estigma pode dar ao descrédito: isolar-se dos demais membros da colectividade, dedicar-se e empenhar-se em actividades consideradas para indivíduos normais, agrupar-se a seus semelhantes ou ainda querer tirar vantagem da sua condição ou situação, entre outras estratégias de gestão identitária. Tais estratégias são adoptadas nas situações em que os portadores de estigma se encontram em interacção com outros indivíduos, principalmente aqueles que são considerados normais.

Utilizando a teoria de estigma, partimos de um pressuposto fundamental: a sociedade é que define a normalidade das acções e comportamentos para os seus integrantes e, por essa razão, prevê um conjunto de situações indesejáveis, que podem ser consideradas anormais. Mais especificamente, a sociedade definiu como normais as relações heterossexuais prevendo por isso

como anormais as relações homossexuais. Assim, aqueles indivíduos que se assumem homossexuais são portadoras de um atributo social que os desacredita diante dos outros e, portanto, são portadores do estigma pessoal.

Diante da consciência das mulheres homossexuais da sua condição de portadores de atributos depreciativos, procuramos explorar e analisar a luz da teoria do estigma, as estratégias que as mesmas adoptam para gerir a sua identidade homossexual. Queremos saber, usando esta teoria, como é que as mulheres homossexuais se relacionam com os demais membros da sociedade e como as mesmas gerem sua homossexualidade na família e em outros espaços de sociabilidade.

Tendo em conta os propósitos da pesquisa, que é estudar a Construção e gestão da identidade homossexual feminina, Goffman, oferece-nos os elementos pelos quais é possível fazer essa análise. Goffman, fala da relação entre indivíduos portadores de estigma, das relações entre indivíduos portadores de estigma e não portadores de estigma, das estratégias de gestão identitária de indivíduos estigmatizados. Os homossexuais representam “aparentemente” uma minoria sexual, num contexto em que as regras e normas sociais são predominantemente heterossexuais e por isso são portadores de um atributo depreciativo.

Complementarmente, e para perceber a questão da representação identitária, usamos a abordagem de Goffman (1975) em *Representação do Eu na Vida Quotidiana*. Nesta obra Goffman, pretende mostrar, metodologicamente, que aquilo que normalmente é outorgado ao singular e individual, ao íntimo dos indivíduos, é socialmente regulado. Usando metaforicamente a designação dramaturgia, o autor compara as situações sociais com um palco onde diferentes actores sociais desempenham papéis de diferentes personagens. Assim, na sua actuação, os actores usam diferentes estratégias e técnicas de expressão para executar a sua *performance*.

Segundo Goffman, no palco – local onde ocorrem as representações – podem ser identificados: *front* ou fachada que são os elementos que permitem a quem observa a cena, identificar a situação; *personal front* que é o papel do actor e permite a identificação dos personagens; *appearance* (roupa, postura) que indica o estatuto social do personagem; *manners* ou modos, que indicam o tipo de papel que o actor vai representar; *settings* que são as características físicas do cenário que sustentam a credibilidade do *personal front* e o *backstage* que são bastidores, o local em que os actores podem abandonar a máscara.

A perspectiva dramaturgic de Goffman (1975) pressupõe 4 postulados: primeiro, a sociedade organiza-se segundo o princípio de que todo o indivíduo que possui certas categorias sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de modo adequado; segundo, o indivíduo que implícita ou explicitamente pretende ter certas categorias sociais deverá comportar-se na realidade de acordo com aquilo que diz ser; terceiro, o indivíduo tem sempre um conhecimento tácito das normas e regras que regem uma determinada ordem social e quarto, o indivíduo interage consigo e com os outros através de um processo comunicativo mediatizado pela sua capacidade interpretativa do universo simbólico em que se insere.

Se tomarmos em conta estes postulados, observaremos que a questão central que se coloca é, como o indivíduo interpreta o universo simbólico de modo a preservar ou manipular a sua identidade. Isto é possível através da informação social que o indivíduo detém, que lhe permite “definir a situação e planejar linhas de acção” (Goffman, 1975:19).

Na representação dos seus papéis, os indivíduos podem assumir vários “eus” (*selves*), tentando manter certa identidade ou tentando transmitir uma certa aparência em função das expectativas que se tem sobre ele num determinado contexto social. O “eu” (*self*), transforma-se a medida que o indivíduo vai desempenhando diferentes papéis sociais e, este mesmo “eu”, resulta, não somente da socialização primária do indivíduo, mas também do processo de interacção com o meio social em que o indivíduo está inserido.

Esta abordagem complementar é usada no sentido de perceber a representação dos papéis sociais das mulheres lésbicas. Entendemos que as situações sociais e os contextos nos quais se inserem no quotidiano determinam a forma como as mulheres homossexuais representam seus papéis ou transmitem uma imagem de si mesmas.

### **2.3. Quadro conceptual**

Nesta monografia usamos dois conceitos fundamentais: *identidade social* e *sexualidade*. O conceito de identidade social é aqui invocado para perceber como é construída e gerida a identidade homossexual feminina das mulheres lésbicas da Associação Lambda na cidade de Maputo.

Segundo Dubar (2005), uma “identidade social” resulta da interacção do indivíduo com o meio em que se encontra e ela não é estática é sim, dinâmica, que evolui e varia a medida que a sociedade muda e a medida que os contextos e indivíduos com os quais interagimos também mudam.

Quando falamos em identidades sociais, fica subjacente a ideia dos recursos existentes na sociedade aos quais os indivíduos recorrem para se identificarem ou aos quais a sociedade recorre para identificar os seus membros. Assim, Dubar distingue dois processos complementares na construção da identidade social dos indivíduos: o primeiro processo é a atribuição, o momento em que a colectividade diz aquilo que o indivíduo é usando categorias socialmente disponível e mais ou menos legítima a níveis diferentes, onde podemos destacar denominações étnicas, regionais, profissionais, religiosas e neste processo o indivíduo não tem muito “espaço” para poder se auto-afirmar.

O segundo processo é a interiorização, quando o indivíduo passa a assumir e defender uma identidade que acha ser sua, porém, foi socialmente construída a partir da interacção deste com o meio social em que se encontra. Analisando estes dois processos, entendemos que o marco definidor da identidade social é a interacção social ou seja, é no processo de interacção social com os outros que o indivíduo define o que é e em função também daquilo que os outros dizem que ele é.

O que pretendemos analisar é a identidade homossexual das mulheres lésbicas e aqui essa identidade é definida como “a persistência, unidade e continuidade da individualidade de uma pessoa como homem, mulher ou ambivalente, em maior ou menor grau, especialmente como é vivenciada em termos de auto consciência e comportamento” (Silva, 2007:75). Os conceitos identidade social e identidade homossexual são usados complementarmente as principais variáveis dos mesmos que são aqui considerados são o comportamento sexual e a gestão desse comportamento sexual.

Relativamente ao conceito de “sexualidade”, o mesmo apresenta diferentes definições sociológicas, sexológicas e antropológicas e na perspectiva de abordagem optamos por aquelas que nos permitem olhar para a sexualidade como algo construído socialmente e cujo significado varia de contexto para contexto.

A sexualidade é definida por Weeks (1999) como sendo, “uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o corpo e com as práticas a ele inerentes”. Numa perspectiva complementar, Silva *et. al.*, (2007) fala da sexualidade como um conceito dinâmico e multidimensional que abarca regras e normas implícitas e explícitas que a sociedade cria e que estão relacionadas com as relações sociais de género, a idade, o status social, os grupos de pertença e que moldam o comportamento sexual dos indivíduos.

Em Weeks (1999), a sexualidade concebida como resultante das práticas e experiências quotidianas das mulheres lésbicas, socialmente construídas, relacionadas com o corpo e com as práticas a ele inerentes. A dimensão deste conceito está relacionada com a possibilidade que oferece de analisar como as práticas e os comportamentos sexuais estão relacionados com os quadros de comportamento e com as expectativas definidas pela sociedade. O principal indicador da sexualidade que usamos aqui é o comportamento sexual das mulheres lésbicas.

Foucault (1988) e numa perspectiva construtivista apresenta uma definição de sexualidade que achamos que melhor se enquadra nas abordagens do nosso estudo: o autor define a sexualidade como um conjunto de valores e saberes produzidos e validados pelos discursos sociais sobre o sexo, de acordo com os distintos contextos culturais, que determinam e normatizam as condutas sexuais dos indivíduos.

Outro conceito é definido complementarmente é o estigma. Segundo Goffman (1980), qualquer característica, não necessariamente física ou visível, que não se coaduna com o quadro de expectativas sociais acerca de determinado indivíduo consiste no estigma. Todas as sociedades definem categorias acerca dos atributos considerados naturais, normais e comuns do ser humano - o que Goffman designa por identidade social virtual. O indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui um qualquer atributo que frustra as expectativas de normalidade.

## **CAPÍTULO 3**

### **Metodologia e procedimentos técnicos da pesquisa**

#### **3.1. Métodos de abordagem e de procedimento**

Esta pesquisa é qualitativa e busca analisar os aspectos inerentes a construção e gestão da identidade das mulheres homossexuais na cidade de Maputo. Em termos de abordagem optamos pelo método *hipotético-detutivo* que se baseia na formulação de um problema e construção das possíveis respostas para o mesmo (hipóteses) e são testados com os dados da realidade empírica (Andrade, 2006).

Relativamente aos procedimentos, optamos pelo método monográfico. Segundo Andrade (2006), este método consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades com a finalidade de obter generalizações ou seja, com a finalidade de obter resultados que ajudem a compreender um fenómeno determinado na sua totalidade.

#### **3.2. Procedimentos técnicos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na cidade de Maputo, na Associação Lambda. A pesquisa foi realizada em três etapas. A primeira etapa consistiu na formulação do problema e foi realizada com a aplicação da técnica da revisão de literatura. Segundo Silva e Menezes (2001), a revisão de literatura consiste na colecta de informação e de dados sobre determinado assunto e que estão dispostos na literatura sobre o assunto em causa, ou na diversa literatura relacionada. Dois objectivos nortearam a utilização desta técnica: o primeiro foi compreender como tem sido abordada a homossexualidade nas ciências sociais e o segundo foi definir os quadros teórico e conceptual da pesquisa.

Na segunda etapa procedemos com a recolha de dados empíricos e a principal técnica utilizada foi a entrevista. As entrevistas consistem na recolha de informação ou obtenção de esclarecimentos sobre determinado assunto através dos principais intervenientes num processo determinado (Silva e Menezes, 2001). Para a recolha de dados desta monografia foram usadas as entrevistas semi-estruturadas – aquelas que são compostas por um guião pré-definido de questões

e que permite a colocação de outras questões que não estão necessariamente previstas no aludido guião.

O grupo alvo das entrevistas foram as mulheres homossexuais filiadas Associação Lambda na cidade de Maputo e o objectivo das mesmas era compreender a homossexualidade a partir do ponto de vista das mulheres lésbicas. A amostra foi composta por 9 indivíduos homossexuais do sexo feminino.

A amostra seleccionada é do tipo não probabilístico e o critério para defini-la foi o da conveniência. Segundo Dias (2009) a amostra não probabilística se baseia na escolha do investigador sendo que não é necessário que o número amostral seleccionado seja em função da totalidade da população. Neste caso, o número escolhido foi definido por conveniência, ou seja, quando a participação é voluntária ou os elementos da amostra são escolhidos por uma questão de conveniência (Dias, 2009). A escolha deste tipo de amostra teve em consideração o facto da pesquisa ser qualitativa sendo que, o número amostral definido é considerado suficientemente representativo para os objectivos que foram previamente definidos.

Todas as entrevistas foram realizadas na Associação Lambda na cidade de Maputo e tivemos acesso às mulheres lésbicas a medida que estas se deslocavam ao local a fim de se inteirarem das actividades daquele movimento associativo. Este facto pressupôs a aplicação da observação participante na medida em que, o processo de pesquisa empírica decorreu na Associação Lambda, local onde as mulheres homossexuais se encontram com frequência. Nenhuma das entrevistas feitas foi previamente marcada.

### **3.3. Principais constrangimentos e limitações do estudo**

Durante o processo de elaboração da nossa monografia enfrentamos algumas dificuldades referentes às diferentes etapas por que passamos desde a concepção à execução da pesquisa. A principal dificuldade que enfrentamos prendeu-se com a dificuldade inicial de interagir com as mulheres homossexuais, provavelmente pelo facto destas terem consciência do preconceito e do estigma em relação a homossexualidade.

Durante as entrevistas foi possível perceber que o contacto entre um indivíduo heterossexual e um indivíduo homossexual é precedido de alguma desconfiança e reservas com relação as intenções dos mesmos. Poderiam pensar, por exemplo, que pretendíamos fazer julgamento da sua opção sexual. Superou-se esta dificuldade inicial a medida que se expunha os propósitos da pesquisa. Para proteger a identidade das nossas interlocutoras, os nomes usados são fictícios.

Outro aspecto relevante a mencionar tem a ver com o facto desta pesquisa ser uma das poucas no contexto das discussões sobre a homossexualidade em Moçambique. Foi difícil encontrar literatura que apresentasse um elevado grau de exploração do assunto analisado sendo que, as constatações que são aqui apresentadas não têm um suporte comparativo em relações a prováveis estudos anteriores que podem ter sido realizados no país.

Assim, o estudo apresenta a limitação de que não pode ser generalizado ou usado para interpretar a situação geral da homossexualidade feminina em Moçambique, mesmo que apresente importantes contributos nesse sentido. Isto deve-se ao facto deste estudo ter sido realizado com uma fracção muito pequena de mulheres homossexuais além de não ter sido possível analisar os discursos e comportamentos de todos os potenciais intervenientes dos processos de construção das identidades das mulheres lésbicas.

## **CAPÍTULO 4**

### **Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa**

#### **4.2. Âmbito e actuação da Associação Lambda em Maputo**

A Lambda – Associação Moçambicana de Defesa das Minorias Sexuais – é um Movimento de mulheres e homens moçambicanos que lutam pelo reconhecimento dos seus direitos civis. Esta associação tem como objectivo lutar pelo reconhecimento dos homossexuais (LGBTI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais) e pelo Estado, respeitadas pelos cidadãos e protegidas pela Lei.

Esta associação dedica-se a representação de todo o moçambicano que é membro e cujos direitos sejam negados ou negligenciados pelo Estado e pela sociedade. A Lambda procura promover os direitos civis, humanos e legais dos cidadãos de orientação e identidade sexual diferente, através de educação pública, advocacia e diálogo e tem como principais objectivos: reduzir o preconceito e discriminação contra as pessoas LGBTI; promover a auto-estima e a saúde sexual das pessoas LGBTI; lançar uma campanha para a protecção dos direitos dos cidadãos LGBTI; aumentar a visibilidade da LAMBDA a nível nacional e internacional.

A Associação Lambda presta serviços como: aconselhamento psicológico gratuito; Aconselhamento e acompanhamento legal gratuito em casos de discriminação; distribuição gratuita de materiais de protecção contra HIV/SIDA (Preservativos e gel lubrificante); formação nas áreas ligadas à Saúde Sexual Reprodutiva e Direitos Humanos.

#### **4.2. Perfil sócio-demográfico das interlocutoras**

A amostra desta pesquisa foi composta por um total de 9 mulheres lésbicas. São interlocutoras com idades compreendidas entre os 19 e 33 anos de idade, todas residentes na cidade de Maputo e filiadas à Associação Lambda. Somente uma das nossas entrevistadas é que desempenha funções de trabalho dentro da associação.

Das 9 mulheres, 3 eram estudantes, 4 eram trabalhadoras em tempo integral e 2 eram estudantes trabalhadoras. As 6 mulheres que trabalhavam auferiam rendimentos que variam dos 2 000 Mt (dois mil meticais) aos 5 000 (cinco mil meticais), quatro destas ainda viviam com os pais; outras três encontravam-se a morar com amigos e duas com as respectivas parceiras. Relativamente às mulheres que não trabalham, todas elas moram em casa de seus pais.

Em termos de níveis de escolaridade, 2 interlocutoras têm nível superior, 4 têm nível médio e 3 têm nível básico concluído. Três mulheres têm filhos e em todos estes casos, os filhos das mulheres lésbicas estão morando com elas.

Outra característica presente em todas as mulheres lésbicas entrevistadas é que elas se vestem de forma muito diferente do comum das mulheres: estas têm tendência a se apresentar com roupa e penteados socialmente definidos como masculinos – camisetes ou camisas, calças jeans largas ou de caqui, cabelo curto, sapatilhas. Por esta razão são frequentes denominações como *Tom Boy*<sup>6</sup> para designar estas mulheres precisamente porque adoptam comportamentos e práticas socialmente consideradas masculinas.

#### **4.3. Primeiras experiências de (homo)sexualidade das mulheres lésbicas**

Neste ponto da monografia procuramos explorar os elementos inerentes a construção das experiências (homo)sexuais das mulheres lésbicas, suas trajectórias sociais até se assumirem como tal.

Em todas as mulheres lésbicas com quem conversamos, a descoberta da tendência para a homossexualidade começa, por um lado, na escola e em outros círculos de sociabilidade como no grupo de amigos, quando estas descobrem que sentem atracção afectiva e sexual por outras raparigas e, por outro lado, quando as mesmas têm tendência para se vestirem e brincarem “como homens” e por isso no desenvolvimento do seu comportamento afectivo tenderem a gostar de indivíduos do mesmo sexo.

---

<sup>6</sup> A expressão Tom Boy tem sido utilizada para designar raparigas e mulheres que se vestem como homens.

## *Construção e gestão da identidade homossexual das lésbicas em Moçambique*

*“Por volta dos 7/8 anos, gostava de brincar com uma amiga, vizinha e passava mais tempo com ela. Sentia-me atraída por ela sem saber bem porquê, mais tarde, já com uns 14 anos começamos a brincar de apalparmo-nos e tal. Não chegamos a namorar exactamente, ficamo-nos pelos beijos e apalpanços só, nesta altura ainda não entendia nada, não sabia como excitar a outra, mas, eu ficava excitada” (Jú, 30 anos, lésbica).*

*“Eu sempre brinquei com rapazes, cresci numa casa só de rapazes e com o tempo fui vendo a maneira como eles se relacionavam com as meninas, a maneira de paquerar e tal, nesta altura morava com a minha avó. Depois quando fui morar com minha mãe fiz novas amigas, só que pela maneira de vestir como Tom Boy, há quem me olhava como se eu fosse um rapaz” (Lícia, 20 anos, lésbica).*

Tal como podemos depreender nos depoimentos acima apresentados, a sexualidade das mulheres homossexuais se constrói a partir das suas experiências práticas de relacionamento com outros indivíduos e em determinados espaços de sociabilidade como a escola, a família, o círculo de amigos, entre outros espaços. Aqui, tal como refere Weeks (1999), é preciso considerar aspectos como as experiências, as crenças e os comportamentos, as relações e as identidades sociais construídas e modeladas a volta do corpo e das práticas a ele inerentes.

É nessas relações sociais e nesses espaços de sociabilidade que estas mulheres constroem a sua sexualidade que está ligada às suas experiências práticas relacionadas com os afectos e com a utilização do próprio corpo. De acordo com Weeks (1999), a sexualidade não existe por si só e naturalmente mas sim, é uma construção social pois resulta de um processo de criação de regras e normas relacionadas ao sexo e para as quais os indivíduos são socializados desde a infância.

De acordo com Osório *et al.* (2008), em Moçambique predominam os valores da sociedade andocrática, aqueles que se assentam em divisões sexistas onde as mulheres são socialmente inferiores aos homens, uma sociedade em que as raparigas são socializadas para o lar, para a obediência ao marido e para a domesticidade. Se tomarmos em conta esses valores, podemos observar que as mulheres homossexuais agem fora do quadro que as socializa na medida em que sentem atracção afectiva por indivíduos do mesmo sexo.

Há expectativas sobre a sexualidade das raparigas: espera-se que elas sintam atracção afectiva por indivíduos de sexo oposto. Observa-se, por exemplo, que algumas de nossas interlocutoras

afirmam que começaram a vida afectiva tendo envolvimento com indivíduos do sexo oposto, mesmo sabendo que sentem atracção por outras mulheres.

*“Por influência daquilo que via, homens a namorarem com mulheres, alinhei e experimentei. Aconteceu que o meu filho foi concebido na primeira relação sexual que tive com o meu colega, não gostei da experiência sexual em si porque foi muito dolorosa, mas, foi bom porque tive o meu filho”* (Nick, 32 anos, lésbica).

É nestas condições e num contexto de expectativas sobre a sua sexualidade que as mulheres lésbicas experimentam e vivenciam as suas primeiras experiências sexuais. São as expectativas sobre a sua sexualidade que as faz adoptar um grupo de estratégias visando uma gestão identitária perante os outros. No próximo ponto da monografia discutimos os processos de gestão e manipulação identitária das mulheres lésbicas.

#### **4.4. Gestão e manipulação da identidade homossexual feminina**

O ponto essencial da discussão tem a ver com o facto dos indivíduos agirem também de acordo com as expectativas da colectividade. Para esse caso, Goffman (1980) distingue dois conceitos fundamentais: por um lado, a identidade social que é construída na base das categorias sociais da colectividade a que o indivíduo pertence e, por outro lado, a identidade pessoal que se relaciona com as características pessoais do indivíduo que são mais ou menos constantes.

Nas condições em que a mulher é socializada, transgredir uma norma leva a que as mesmas incorram ao risco de serem consideradas desviantes. O que constatamos na nossa pesquisa – através dos depoimentos das lésbicas – é que há na família das mulheres homossexuais alguma expectativa em relação ao facto delas serem raparigas e, por essa razão, elas se vêm na contingência de adoptar um conjunto de estratégias que as permita manter uma certa identidade social diante da família, entre elas, omitir a sua orientação sexual. À excepção de três casos, seis mulheres lésbicas afirmam que na família ninguém sabe da sua orientação sexual.

*“Tive um namorado numa altura em que achava que era a única lésbica na cidade e também por pressão dos familiares que sempre perguntavam porquê eu nunca namorava. Meu namorado reclamava pelo facto de por vezes eu ser mais*

*homem que ele, por eu apreciar outras mulheres e até os amigos dele lhe provocavam porque andava com um homem e o chamavam “paneleiro” (Noca, 28 anos, lésbica).*

*“Não sei que reacção cada um vai ter e por isso prefiro ficar calada. Quando decidi contar a minha mãe e a minha madrinha cada uma teve uma reacção diferente, então, “se dentro de casa é assim, imagina fora”. Não sei qual é o tratamento que vou ter das pessoas, se vão tratar-me da mesma maneira ou se vão afastar-se de mim se souberem da minha orientação sexual” (Nila, 32 anos, lésbica).*

Destes dois extractos de entrevistas depreendem-se dois aspectos: primeiro, dentro da família e em outros círculos de relações existem expectativas a volta da sexualidade das mulheres homossexuais. Se tomarmos a noção de identidade social, observamos que socialmente o ser mulher pressupõe a adopção de um conjunto de práticas e comportamentos que incluem sentir atracção e ter envolvimento com indivíduos de sexo oposto, neste caso, homens. Quando isto não acontece porque as mulheres são lésbicas ou aparentam ser lésbicas, assiste-se a um exercício no qual as homossexuais agem de acordo com o que se espera delas, contudo, mantendo uma identidade secreta, a identidade homossexual.

O segundo aspecto refere-se ao facto de haver um exercício de afirmar uma identidade pessoal que, neste caso, contrasta com a expectativa existente a volta da sexualidade das mulheres homossexuais. Se tomarmos a noção de identidade pessoal de Goffman (1980), entendemos que ao mesmo tempo que as mulheres homossexuais constroem sua identidade num processo de alteridade, elas procuram criar uma forma própria de ser, mesmo que aconteça a rejeição em alguns casos. Existem aquelas situações em que a família sabe ou desconfia da homossexualidade e, a esse nível, as reacções tem sido diversificadas e sobre esse assunto retornaremos no ponto referente à homossexualidade, família e relações sociais<sup>7</sup>.

Segundo as ideias de Goffman (1980) sobre a identidade real e identidade virtual, observamos que no dia-a-dia as mulheres homossexuais mantêm relações com outros indivíduos que não são

---

<sup>7</sup> O ponto 4.5 da monografia é inteiramente dedicado à discussão das relações sociais das mulheres homossexuais nos seus contextos familiares.

homossexuais e nas suas interações sociais a manipulação da identidade acontece na medida em que estas mulheres continuam agindo sempre ao nível do aparente, de acordo com as expectativas que são criadas a volta do facto de serem mulheres.

Elas têm uma identidade secreta que pode ser considerada a identidade real contudo, por causa do estigma e do receio às reacções dos outros, as mulheres homossexuais agem ao nível do aparente ou seja, aparentam ser mulheres heterossexuais, se relacionam de fachada com indivíduos de sexo oposto. Eis alguns exemplos:

*“É difícil ser homossexual em Moçambique porque o moçambicano não quer inovar, não gosta de ser ensinado. Aqui o homem foi feito para a mulher e vice-versa, o que está por fora não tem interesse”* (Nick, 31 anos, lésbica)

*“É difícil ser homossexual em Moçambique porque há muito preconceito, as pessoas não aceitam. Se fosse diferente não teria a necessidade de me esconder, não que me esconda de facto, mas, tenho um certo receio de me mostrar para a sociedade. Prefiro fingir que sou heterossexual, tenho namorado (...). Existe necessidade dos homossexuais terem que passar por heterossexuais porque a sociedade não os aceita”* (Fau, 19 anos, lésbica).

Pelo que se constata, as mulheres homossexuais sentem alguma desaprovação em relação a sua orientação sexual por parte dos indivíduos com quem interagem nos diversos espaços que frequentam (escola, família, igreja, círculos de amizade, entre outros). Por causa disso, elas adoptam um conjunto de estratégias de manipulação de gestão da identidade homossexual entre elas a omissão, o silêncio e o fingimento ou demonstração de uma identidade virtual. Segundo Goffman (1980), elas são portadoras do estigma social, aquele que resulta do facto do indivíduo ser portador de um atributo ou característica social que o deprecia diante dos demais elementos da colectividade.

Na situação das mulheres homossexuais, a atribuição de denominações pejorativas como *Tom Boy* ou *sapatona* são exemplos de homofobia e do estigma que as levam a omitir suas preferências sexuais. As homossexuais sentem que os “outros”, aqueles que não são homossexuais, desaprovam as suas preferências sexuais e encaram as lésbicas como patológicas, anormais, doentes que podem curadas e a homossexualidade uma fase passageira pela qual o indivíduo pode passar na fase mais conturbada de sua vida que é a adolescência.

*“Acredito que existe necessidade sim dos homossexuais terem que se passar por heterossexuais porque a sociedade não aceita. Eu nunca vou agir como lésbica para todos verem, pelo menos não tão já” (Ací, 28, lésbica)*

*“Várias vezes tive que fingir que sou heterossexual, estava tanto fora como dentro do armário. Estava dentro do armário para a família, os colegas do trabalho e da escola. Estava fora do armário para a “minha comunidade”, para os meus amigos mais próximos e para a comunidade gay. Quando voltava para casa, para o meu bairro era, aquela fachada, tinha que fingir ser heterossexual e sentia medo de sair com os meus amigos e amigas homossexuais” (Nila, 32, lésbica)*

#### **4.5. Papel da Lambda na construção e gestão da identidade homossexual**

As discussões deste ponto serão auxiliadas com a noção de sociabilidade definida por Beachler (1995). Segundo o autor, a sociabilidade diz respeito a capacidade que os seres humanos têm de conviverem uns com os outros, independentemente de tal convivência ser pacífica ou violenta. O autor acrescenta que nas colectividades e grupos os indivíduos estabelecem relações das mais diversas características e grande parte dessas relações não tem qualquer relação directa com os fins perseguidos pela colectividade ou grupo.

Os espaços de sociabilidade são aqueles espaços nos quais os indivíduos estabelecem um conjunto de interacções sociais, trocam informações e partilham expectativas. A Associação Lambda é aqui percebida como um espaço de sociabilidade na medida em que nela os homossexuais interagem uns com os outros homossexuais, partilham vivências do seu quotidiano, suas expectativas e experiências ligadas à sua identidade (homo)sexual. Nestes termos, as nossas reflexões vão no sentido de perceber o papel desse “espaço dos iguais” na construção e gestão da identidade homossexual das mulheres filiadas à Associação Lambda. Por exemplo:

*“A associação representa um ponto de viragem porque antes de sabermos que existia uma associação, se alguém nos aponta na rua, nós não sabíamos como reagir, hoje a associação diz-nos que temos direitos, que somos protegidos, se alguém aponta, podemos dizer que vamos te processar, essas coisas” (Lícia, 20 anos, lésbica).*

## *Construção e gestão da identidade homossexual das lésbicas em Moçambique*

*“Para muitas de nós a associação foi um ponto de mudança porque não havia antes um espaço onde pudéssemos estar abertas e a vontade para falarmos da homossexualidade. Ao frequentarmos a Lambda sentimo-nos em casa porque onde vivemos não podemos nem conversar sobre ser lésbicas porque ninguém nos entende”* (Jú, 30 anos, lésbica).

A Associação Lambda é o ponto em que os homossexuais de ambos sexos se encontram e são “instruídos” sobre os seus direitos podendo por isso “sair do armário” e se assumirem como homossexuais. A Lambda tem sido percebida pelas mulheres homossexuais como um espaço onde a convivência é aberta porque nela estas podem assumir sua orientação sexual sem temer represálias ou desaprovações frequentes em outros contextos. Contudo, é importante referir que somente dentro da associação as mulheres lésbicas têm menos receio de assumir a sua identidade, pois em outros espaços onde interagem com outros indivíduos, elas tem mais receio de se assumirem homossexuais.

Entretanto, o facto dos homossexuais se agregarem num “grupo de iguais” significa em si uma estratégia de gestão de identidade. Segundo Goffman (1980), muitas vezes, os indivíduos portadores do estigma tendem a se congregarem em grupos de iguais onde procuram reivindicar determinadas posições ou privilégios na sociedade em função do estigma que transportam. “Entre seus iguais, o indivíduo estigmatizado pode utilizar sua desvantagem como uma base para organizar sua vida, mas para consegui-lo deve-se resignar a viver num mundo incompleto” (Goffman, 1980:21). Para o caso da Associação Lambda, os seus membros estão conscientes da homofobia existente e a partir do movimento associativo procuram transmitir uma ideia de normalidade e de respeito às diferenças entre os indivíduos.

*“Acho que a associação é importante porque é o único sítio onde podemos estar a vontade, sem medo de mostrarmos o que somos. Na Lambda as pessoas lidam umas com as outras de forma muito aberta e sabem conviver com o homossexual da maneira como ele é”* (Nila, 32 anos, lésbica).

*Penso que existe uma relação entre a presença da associação e o facto de mais gays e lésbicas estarem a sair do armário. A associação promove muitas actividades para que os homossexuais se conheçam e estejam juntos como forma de se apoiarem* (Faú, 19 anos, lésbica).

Por exemplo, segundo as mulheres homossexuais com que conversamos, o desconhecimento dos espaços dos iguais leva a que muitas homossexuais se mantenham “escondidas” e não se assumam como tal.

Observamos também que as mulheres homossexuais filiadas a Lambda têm consciência da sua homossexualidade e defendem-na recorrendo a preceitos legais<sup>8</sup>, éticos e de respeito às diferenças. E também que a forma como as mulheres homossexuais argumentam a sua orientação sexual tem a ver com as palestras e ensinamentos transmitidos no contexto das actividades do movimento associativo.

A Associação Lambda participa na construção e gestão da identidade homossexual feminina na medida em que é nela que as mulheres homossexuais ganham consciência sobre a sua condição, sobre seus direitos e deveres diante dos outros assumem nela a sua orientação sexual. É dos convívios com outros homossexuais que as mulheres em referência dizem que desenvolvem a consciência de que são pessoas normais e que a homossexualidade não é nenhum desvio social, mas uma opção.

Entretanto, se, por um lado, na Associação Lambda as mulheres homossexuais podem se abrir e assumirem suas opções sexuais, por outro lado, nas relações sociais intra familiares e também com outros indivíduos heterossexuais o mesmo não acontece. No próximo ponto da monografia discutimos a forma como se processam as relações sociais das mulheres homossexuais no contexto familiar e no contexto das interações sociais com indivíduos heterossexuais.

#### **4.6. Relacionamento das Lésbicas com familiares**

Na análise dos processos de construção das identidades sociais partimos de pressuposto de que estas são instáveis pois, variam de acordo com as situações de interacção social nas quais os indivíduos se encontram inseridos. Defendemos que as identidades sociais se constroem em processos de alteridade, nas relações que os indivíduos mantêm uns com os outros (Dubar,

---

<sup>8</sup> Transmite-se em palestras a ideia de que todos os indivíduos são iguais diante da lei e não devem ser discriminados em função das suas preferências sexuais.

2005). Dividimos nossas análises em dois sentidos: o primeiro ligado a homossexualidade na família e o segundo ligado a análise das relações com outros indivíduos heterossexuais.

A família é o primeiro agente socializador dos indivíduos e a construção do ser sexual de um indivíduo, sua orientação sexual, passa pela interiorização de normas e valores disponíveis no meio social em que está inserido (Osório, 2004). É na família e no contexto da socialização que são feitos os primeiros processos de construção das diferenças sociais de raparigas e rapazes: na família ao rapaz é ensinado brincar com carrinhos, pistolas e principalmente, quando o tempo já é oportuno é transmitida a ideia de que este deve relacionar-se com mulheres. Por sua vez, às raparigas é ensinado brincar com bonecas, panelinhas, usar saias, uma simulação do que pode vir a ser a vida conjugal na qual deve se dedicar a maternidade, a domesticidade e ao marido (Osório, 2004).

Esta forma diferenciada de socializar indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino pressupõe a preparação dos mesmos para a heterossexualidade. Nestes termos, quando os indivíduos se relacionam afectivamente com outros indivíduos do mesmo sexo, as expectativas da heterossexualidade criadas no quadro socializador anteriormente descrito são defraudadas e a descoberta da homossexualidade de um elemento do sexo feminino ou masculino dentro da família pode desencadear reacções diversas dos demais parentes directos.

Constatamos que quando uma rapariga assume sua orientação sexual e que não está virada para a satisfação das necessidades sexuais e/ou conjugais dum homem, a primeira reacção da família tem sido de desaprovação alimentando-se a crença de que é algo passageiro. Assim, depreendemos que a homofobia e o preconceito em relação a homossexualidade podem começar dentro das relações familiares; contudo, tais homofobia e preconceitos não devem ser analisados distantes dos valores predominantes na sociedade pois reflectem a forma como a sexualidade dos indivíduos é construída.

Quando perguntamos às mulheres com quem conversamos se a família sabia da sua homossexualidade obtivemos respostas que podemos dividir em três possíveis categorias:

- 1) Os familiares não sabem;
- 2) Os familiares sabem e fingem que não sabem;

### 3) Os familiares sabem e aceitam

No primeiro caso, quando os familiares não sabem, a omissão da orientação sexual deve-se ao receio que as mulheres homossexuais têm de não serem compreendidas, encontrarem desprezo e a não-aceitação da sua orientação sexual. A omissão da homossexualidade no contexto das relações familiares é uma estratégia de defesa pois as mulheres homossexuais optam muitas vezes por não dizer e ficam a espera que os familiares se pronunciem primeiro.

*“Ninguém na família sabe da minha orientação sexual, podem até desconfiar, mas, enquanto não perguntarem e ouvirem de mim, nunca terão certeza”* (Ací, 28 anos, lésbica).

*“Muitos amigos e familiares não sabem da minha orientação sexual porque nem todos são muito íntimos. Os mais chegados sabem, mas, acredito que os restantes não têm necessidade de saber porque não confio plenamente neles porque podem comentar com outras pessoas”* (Nick, 31 anos, lésbica).

Esta tem sido a posição de três homossexuais, a de não pronunciarem-se a menos que sejam questionados, mas, ainda assim, por vezes quando questionados nem sempre afirmam que são homossexuais, devido ao receio da reacção dos outros. Frequentemente é no meio de uma crise interna – originada e caracterizada pelo facto de estarem a ser pressionadas para apresentar um namorado ou se envolver com indivíduos de sexo oposto - que as mulheres homossexuais conseguem desabafar e dizer que se “sentem diferentes”, não é algo que resolvam contar espontaneamente, há muito receio por parte delas.

No que concerne ao segundo caso, onde os familiares sabem da orientação e optam por fingir que não o sabem, deve-se, na opinião das entrevistadas ao facto dos familiares, principalmente os pais, preferirem acreditar que a homossexualidade é algo passageiro e que as filhas ainda são aquelas meninas que viram crescer e para as quais projectaram um futuro. Torna-se mais fácil acreditar que não se passa nada de diferente com elas. Isto acontece com três mulheres homossexuais que entrevistamos.

*“A minha mãe já deixou bem claro que não quer ouvir falar disso, tivemos uma conversa há dois anos, ela perguntou-me se eu era “homo”, insistiu tanto para ter a resposta, quando dei ficou ofendida, prefere agir como se não estivesse a acontecer”* (Lícia, 20 anos, lésbica).

*“Eles não descobriram a minha orientação, mas sim foram apercebendo-se, porque em nenhum momento sentei-me com os meus pais e irmãos, tipo eu sou isto ou aquilo. Apenas ensinei-os a lidar comigo através da convivência e assim foram vendo o que eu sou”* (Nick, 31 anos, lésbica).

A família e os demais elementos dos círculos de relações mais próximos (amigos, colegas de escola, companheiros de igreja) das homossexuais agem de acordo com expectativas socialmente construídas a volta da sexualidade das mesmas. Estes ficam a espera que numa determinada fase da vida a rapariga comece a ter certos comportamentos considerados normais como arranjar um namorado e vestir-se de uma determinada maneira considerada “normal”.

No terceiro e último caso, os familiares têm conhecimento da homossexualidade, a respeitam e apoiam por entenderem-na como algo íntimo e pessoal. De acordo com os depoimentos das homossexuais, essa abertura acontece quando a família está atenta a alguns sinais<sup>9</sup> que podem indiciar a tendência para a homossexualidade contudo, há que considerar o facto da abertura acontecer apenas com os familiares do primeiro grau (pais e irmãos) sendo que para os parentes afins e distantes (primos, tios, cunhados) o segredo continue a ser mantido. Nesta situação encontramos três mulheres homossexuais.

Segundo as três mulheres lésbicas que estão nesta situação, a família tem um nível de abertura que as permite lidar normalmente com a situação, o receio de pronunciar-se é inicialmente por parte delas por se sentirem diferentes. Porém, nem sempre a família está despreparada para a notícia, porque de algum modo, existe sempre um membro (mãe ou irmão) que está atento aos sinais, ou seja, já vem observando e apercebe-se da diferença, aguardando apenas que a pessoa encontre um momento ideal para falar sobre si.

*“Antes a minha irmã costumava pressionar-me, dizia que eu tinha que arranjar um namorado e cheguei a ter namorados, mas, não era o que queria. Foi então que a minha irmã descobriu que eu gostava de meninas e conversou com a minha mãe, que acabou aceitando a minha orientação sem confusões”* (Jú, 30 anos, lésbica).

*“A primeira pessoa a quem quis contar foi a minha mãe e fiquei com medo por muito tempo de o fazer, não sabia qual ia ser a reacção dela. O engraçado é que quando disse que gostava de*

---

<sup>9</sup> Preferências em termos de vestuário, afinidades com indivíduos de mesmo sexo e pouco interesse no envolvimento com indivíduos de sexo oposto.

*mulheres, a minha mãe perguntou se era só isso porque ela já sabia de tudo ou desconfiava, mas não reagiu mal. Geralmente as pessoas ficam com medo de contar por acharem que vão ser mandadas embora de casa, mas nem sempre é assim” (Noca, 28 anos, lésbica).*

#### **4.7. As Lésbicas e suas relações sociais**

As mulheres homossexuais relacionam-se mais com indivíduos heterossexuais fora da associação e procuram nessas relações afirmar uma certa normalidade, transmitindo a ideia de um ser normal e parecido com qualquer outro ser humano. No espaço de relações extra-familiares os homossexuais adquirem novas experiências de relacionamento com outros indivíduos. Falamos dos espaços de rua, escola, igreja onde as mulheres homossexuais se relacionam com amigos, colegas e outros indivíduos que conhecem e não conhecem.

A família é tida pelas homossexuais como desempenhando um papel importante para as posições posteriores destas em relação a possibilidade de assumirem ou não a sua orientação sexual. As mulheres que contam com o apoio da família, neste caso três, afirmaram que não sentiram muitas dificuldades em assumir publicamente que são lésbicas, contudo afirmam também que sem tal apoio seria muito difícil assumir publicamente a orientação sexual.

*“Se dentro da família não encontro apoio e nem posso falar da minha orientação sexual, então porque teria que fazer isso na rua? As pessoas podem correr e ir contar a minha mãe que sou lésbica e isso daria uma confusão” (Lícia, 20 anos, lésbica)*

*“Sem apoio da família é muito difícil sair do armário. Acho que o apoio da família é muito importante para que as lésbicas assumam suas opções e vivam felizes de acordo com aquilo que gostam” (Nila, 32, lésbica).*

Quando existe este receio de se afirmar e “sair do armário”<sup>10</sup> a dificuldade em lidar com a orientação homossexual é maior, porque existe também uma maior necessidade de manipulação desta. Um homossexual que “vive no armário” vive uma dupla identidade: por um lado aparece

---

<sup>10</sup> Sair do Armário – termo usado para descrever o facto de um homossexual afirmar a sua orientação para todos e de tal modo não escondê-la.

como tendo parceiros de sexo oposto para aparentar a heterossexualidade e, por outro lado, mantêm uma identidade homossexual secreta. As mulheres homossexuais são as que seleccionam para quem devem estar “fora do armário” e para quem devem estar “dentro do armário”; elas é que decidem a quem devem revelar a sua orientação sexual.

A transmissão de uma aparente heterossexualidade acontece mais na fase da adolescência ou de pós-adolescência, numa fase em que existe uma dependência não só de carácter financeiro para com os pais, mas, também de carácter emocional. Esta necessidade de manipulação, passa muitas vezes pela ideia das raparigas homossexuais terem que passar por heterossexuais para que consigam ser aceites no círculos de amizade e para que não sofram nenhum tipo de rejeição ou descriminação relacionada com a sua orientação sexual.

*“Eu prefiro fingir que sou hetero<sup>11</sup>, tenho namorado, só visto-me a Tom Boy, mas, na prática finjo ser hetero mesmo” (Fau, 19 anos, lésbica).*

*“Tenho uma parceira que “amo de paixão”. Também tenho um parceiro e gosta muito dele, mas é da minha parceira que mais gosto e se tivesse que escolher optaria por ela. Meu namorado sabe que sou lésbica e serve de fachada para a minha família porque eu gosto mesmo é de mulheres” (Ací, 28 anos, lésbica).*

Este tipo de atitude é motivada por um lado pelo medo da possível reacção dos outros, porque nunca se sabe qual o tratamento que passarão a receber, se vão ser tratadas da mesma maneira, como parte do grupo de amigos ou se serão afastadas. E, por outro lado pode ser visto como um comportamento bissexual, na medida em que estas mulheres acabam se relacionando com indivíduos de ambos os sexos.

Por vezes, quando há informação da presença de uma lésbica num determinado espaço, o resultado pode ser desagradável: dos depoimentos que colhemos de seis entrevistadas, as raparigas homossexuais afirmam que na escola secundária existe muito preconceito, quando os “moços” descobrem que uma jovem é lésbica, fazem o possível para afastá-la de suas namoradas e amigas, procuram isolá-la, fazem piadas e demais práticas de depreciação do outro.

---

<sup>11</sup> Hetero – diminutivo usado para designar heterossexual.

Estes dados revelam que as homossexuais são tratadas como desviantes em decorrência de estarem a agir fora de um quadro socializador no qual foram criadas. Sobre este assunto, Goffman (1980) fala da insegurança que o portador de estigma tem mediante a sua apresentação diante dos outros: o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificam e o recebem, procurando assim um conjunto de actos e comportamentos que evitarão que seja rotulado ou que sofra qualquer tipo de discriminação.

O mesmo não acontece com as homossexuais – três das nossas entrevistadas – que têm mais experiência e domínio da sua sexualidade. Nestas situações, o receio de se afirmar homossexual é relativamente reduzido e estas mulheres entendem que não é necessário fingir-se heterossexual para ser aceite pelos outros.

*“No meu dia-a-dia procuro militar, estou a militar, faço com que as pessoas possam olhar para mim e entender a imagem que eu transmito para elas. Eu luto, dia após dia faço com que as pessoas entendam que jamais vou mudar porque eles querem que eu mude, eu sou o que sou, as pessoas que procurem maneiras de respeitar, assim como eu procuro respeitar o espaço de cada um”* (Nick, 31 anos, lésbica).

O *look*<sup>12</sup> das mulheres homossexuais tem também despertado alguma curiosidade dos indivíduos com os quais elas interagem no dia-a-dia. As vezes as mulheres homossexuais vestem-se a *Tom Boy* e é frequente serem confrontadas por outros indivíduos que as perguntam se são rapazes ou raparigas. Neste caso, a aparência, a forma de se vestir e de apresentar perante os outros tem sido uma forma de afirmar e defender uma certa identidade por parte daquelas mulheres que assumem a sua orientação sexual. Contudo, o estigma e o preconceito em relação a homossexualidade prevalecem sendo que, em apenas alguns espaços – na família para o caso das que assumem e na associação para todas as homossexuais – que as relações sociais não estão condicionadas aos preconceitos como são os casos da família, do local de trabalho para as que trabalham e dos círculos da de amizade.

Nota-se também que as mulheres homossexuais tentam afirmar ou defender uma certa “normalidade” ou seja, os homossexuais procuram ser iguais aos heterossexuais e que a sua orientação sexual não seja nunca usada para mente-las em desvantagem comparativamente aos

---

<sup>12</sup> Do inglês, este termo tem sido usado para designar as características e forma de se apresentar dos indivíduos (aparência).

demais membros da sociedade. Tal como todas elas afirmam, gostariam de ser respeitadas e serem iguais aos demais membros da sociedade, independentemente das suas opções sexuais. Isto se enquadra no contexto das expectativas de vida dos estigmatizados:

“O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos (...) seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma "pessoa normal", um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima” (Goffman, 1980:9).

Enquanto as mulheres homossexuais tentam transmitir uma imagem de normalidade, elas encontram um constrangimento estrutural fundado em normas e valores adversos a possibilidade de atracção sexual e afectiva entre indivíduos do mesmo sexo.

#### **4.8. Relação entre a Homossexualidade e identidades sexuais**

A afirmação da identidade homossexual pressupõe dois processos antagónicos: por um lado, temos mulheres homossexuais tentando afirmar sua orientação sexual como algo normal e, por outro lado, temos as estruturas sociais e valores dominantes que, socorrendo-se do binário *homens vs mulheres*, condenam a homossexualidade, considerando-a um desvio, uma prática que atenta aos princípios da moral e dos bons costumes.

É precisamente a partir daqui que podemos falar em estigma pois existe consciência por parte das homossexuais com relação a implícita e explícita proibição da sua orientação sexual. Dito de outro modo, a mulher homossexual tem consciência do estigma de que é portadora dado os atributos depreciativos ligados à sua orientação sexual e a consciência colectiva na sociedade procura condenar e evitar qualquer situação em que indivíduos do mesmo sexo sentem atracção afectiva um pelo outro.

De acordo com Weeks (1999), as identidades sexuais, especialmente aquelas que são estigmatizadas pela sociedade, são, em última instância, escolhas feitas livremente pelos indivíduos. Assim sendo, perde sustentação o argumento segundo o qual os indivíduos são “empurrados” ou influenciados para se tornarem homossexuais. Se avaliarmos pela aceitação da

identidade homossexual, podemos identificar, segundo Weeks (1999), quatro etapas de construção da identidade homossexual:

**1ª: Sensibilização** – quando o indivíduo se torna consciente, através de uma série de encontros, da diferença dele ou dela em relação a norma, por ser rotulado por seus pares como *maricas* ou *menina-rapaz*. Observa-se entre as nossas entrevistadas que começaram por terem relações afectivas heterossexuais donde suas experiências fizeram-nas perceber da sua atracção por outras mulheres.

**2ª: Significação** – quando o indivíduo começa a atribuir sentido a essas diferenças, a medida que ele ou ela se torna consciente da gama de possibilidade do mundo social. Observa-se esta significação na medida em que as raparigas homossexuais entendem a sua homossexualidade enquanto algo normal, algo com que podem viver e serem aceites pelos outros.

**3ª: Subculturização** – é o estágio de reconhecimento de si mesmo, através do envolvimento com outros, por exemplo, através dos primeiros contactos sexuais. Isto observa-se na medida em que as nossas entrevistadas, seis delas, mantêm dupla identidade: por um lado, tem relacionamentos heterossexuais de aparência e, por outro lado, tem relações homossexuais.

**4ª: Estabilização** – é o estágio da completa aceitação de seus sentimentos e estilo de vida, como por exemplo, através do envolvimento numa subcultura que seja capaz de dar apoio a pessoa com a mesma inclinação. Isto observa-se na medida quem as homossexuais se agregam numa associação onde procuram defender os seus direitos.

Weeks (1999) fala em sociedades mais plurais onde os indivíduos têm um leque maior de possibilidades de escolherem o que querem ser; defende o autor que se está numa sociedade fluida onde se regista uma expansão da escolha individual sobre o que se oferece. É muito difícil encontrar um indivíduo que diga “eu sou heterossexual” pois este é paradigma dominante entretanto, “afirmar “eu sou gay” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes” (Weeks, 1999:70).

A identidade homossexual pressupõe que haja um conjunto de estereótipos, de atributos, de práticas e de valores inerentes ao ser homossexual e que, muitas vezes, contrastam com os valores dominantes. A homossexualidade pressupõe ainda assumir uma orientação sexual e o envolvimento com indivíduos do mesmo sexo, fazendo disso um estilo de vida.

Das análises feitas ao longo da monografia, com base na literatura consultada e nos depoimentos que colhemos das mulheres homossexuais, dependeu-se que a sexualidade é uma construção social, ela não é algo dado naturalmente aos indivíduos, a sexualidade é aprendida e reaprendida pelos indivíduos através da socialização e da interiorização de papéis sociais baseados nas distinções sexuais.

Dados da pesquisa mostram que ainda persiste o preconceito contra a homossexualidade e o mesmo resulta dos quadros normativos dominantes na estrutura social e que preconizam as relações heterossexuais como padrão. Acreditamos que alcançamos o nosso objectivo principal de compreender os mecanismos de construção e de gestão da identidade homossexual de mulheres lésbicas, particularmente aquelas que são associadas da Lambda na cidade de Maputo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta monografia abordamos a construção e gestão da identidade homossexual em Moçambique, com enfoque para as mulheres lésbicas filiadas à associação Lambda na cidade de Maputo. O nosso objectivo era compreender como as mulheres lésbicas constroem e gerem a sua identidade homossexual. Para o alcance do objectivo usamos entrevistas semi-estruturadas, revisão de literatura como técnicas que nos permitiram recolher os dados que foram aqui apresentados e discutidos.

A nossa hipótese de trabalho argumenta que as mulheres lésbicas assumem a identidade homossexual e adoptam um conjunto de estratégias de gestão da imagem que inclui a omissão da orientação sexual em determinados espaços de sociabilidade (escola, família, círculos de amizade). Esta hipótese foi confirmada pelos nossos resultados na medida em que observamos que, apesar de assumirem a sua orientação sexual, constroem a sua identidade social num contexto em que existem expectativas sobre a sua sexualidade. Entretanto devido ao medo do estigma e discriminação as lésbicas omitem as suas preferências sexuais em alguns círculos de sociabilidade.

Em termos de resultados, observamos que as mulheres lésbicas é que decidem a quem revelar a sua orientação sexual e que a omissão da homossexualidade é a principal estratégia de gestão identitárias. Por causa dos valores heterossexuais dominantes, as mulheres lésbicas afirmam que também mantêm relacionamentos de fachada com indivíduos de sexo oposto, precisamente para satisfazer às expectativas que são socialmente construídas a volta da sua sexualidade.

A ideia de fachada está relacionada com o facto das mulheres homossexuais procurarem, na maioria dos casos, agir de acordo com as normas da heterossexualidade que são vigentes. Assim, satisfazer as expectativas da sociedade em relação à sexualidade significa, nestes casos, ter uma dupla identidade: heterossexual aos olhos da sociedade e homossexual “dentro do armário”. Algumas mulheres homossexuais assumem a bissexualidade contudo, afirmam que a homossexualidade é a sua preferência sexual e que os envolvimentos heterossexuais estão relacionados com as cobranças que lhes são feitas nos seus círculos de relações sociais.

Teoricamente foi possível articular a ideia de estigma e a ideia de construção e manipulação da identidade deteriorada. Observamos, a luz dos pressupostos teóricos de Goffman, que as homossexuais são portadoras de uma identidade estigmatizada na medida em que se comportam sexualmente fora dos quadros socializadores a que foram sujeitas. Isto leva a que as mesmas sejam objecto de discriminação por parte dos indivíduos que agem de acordo com os valores predominantes na sociedade.

É importante referir ainda que implicitamente ou explicitamente a própria sociedade é que disponibiliza os principais elementos ou bases para a construção da identidade homossexual e sua posterior necessidade de gestão. São as expectativas que a sociedade cria em torno da sexualidade que faz com que as homossexuais adotem estratégias de gestão identitária perante os outros. Levando a que estas optem pela omissão, silêncio, fingimento e demonstração de uma constante identidade virtual.

A principal conclusão a que chegamos é a de que ainda existe preconceito em relação a homossexualidade e o medo desse preconceito é determinante para que as homossexuais assumam ou não publicamente a sua preferência sexual. Contudo, no entender desta pesquisa, não foram esgotadas todas as possibilidades de análise neste tema contudo, foram lançadas importantes premissas para a compreensão dos aspectos sociais ligados a homossexualidade feminina em Moçambique. Assim os próximos estudos podem focalizar a questão da construção social da homossexualidade, a questão das representações e percepções sociais da homossexualidade, o que nos permitiria compreender as subjectividades, as compreensões e intepretações que os indivíduos não homossexuais constroem sobre a homossexualidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 7ª Edição. São Paulo: Atlas Editora, 2006.

ARTHUR, Maria José. *Homossexualidade e Direitos Humanos*. Maputo: Revista Outras Vozes, nº 6, Fevereiro de 2004.

BAGNOL, Brigitte. *Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula*. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos, 1996.

BEACHLER, Jean. “Grupos e Sociabilidade”. In BOUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia*. Porto: Editora ASA, 1995. Pp. 52-85.

DIAS, Ricardo. *Métodos de amostragem. Cálculo do tamanho de amostras*. São Paulo: Laboratório de Epidemiologia e Bioestatística – USP, 2009.

DUBAR, Claude. *A Socialização, construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FACCHINI, Regina. “Mulheres, diversidade sexual, saúde e visibilidade social”. In RIOS, Luis Filipe *et al* (org.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIAS, 2004, pp. 34-43.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 6ª Edição. São Paulo: Zahar Editores, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LACERDA *et al*. *Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva de representações sociais*. João Pessoa: Psicologia, Reflexão e Crítica N. 15, Vol. 1, pp. 165-178. 2002.

OSÓRIO, Maria da Conceição. *Mulher e Poder*. Maputo: UEM/UFICS - Relatório de investigação, 2004.

PECHENY, Mário. “Identidades discretas”. In RIOS, Luis Filipe *et all* (org). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIAS, 2004, pp. 16-33.

SILVA *et all*. *A construção da identidade do jovem gay no site E-jovem.com*. Campinas: Revista Linguagem em (Dis)curso Nº 1, Vol. 7, pp. 71-99, Jan./Abr. 2007.

SILVA, Edna Lúcia da e MENEZES, Estera M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação*. 3ª Edição. Florianópolis: UFC, 2001.

SILVA, Teresa Cruz e. *et. all*. *Representações e práticas da sexualidade dos jovens e a feminização do SIDA em Moçambique*. Maputo: WLSA Moçambique, 2007.

WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade” In LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 199, pp. 35-82.

#### **FONTES ELECTRÓNICAS:**

LAMARQUES, Rui. *Livre arbítrio*. Maputo: Jornal A Verdade Online, 14 de Maio de 2010. Disponível em <http://www.verdade.co.mz/opinioao/25-editorial/11280-editorial-livre-arbitrio>, acessado no dia 19 de Janeiro de 2011.

## **ANEXO**

### **Guião de questões para as mulheres homossexuais da Associação Lambda na cidade de Maputo**

1. Identificação
  - a) Idade
  - b) Escolaridade
  - c) Estado civil
2. Quando é que descobriu que era homossexual e quando é que foi a primeira vez que se sentiu atraída por um indivíduo do mesmo sexo?
3. Antes, durante ou depois da sua “descoberta”, já alguma vez teve um relacionamento heterossexual? Sem sim, conte-nos como foi.
4. Tem alguém na família que é homossexual?
5. Alguém na família sabe da sua orientação homossexual? Se sim ou se não, como tem sido seu relacionamento com os demais membros da família tendo em conta a sua orientação sexual?
6. Já alguma vez morou com um parceiro do mesmo sexo ou de sexo oposto?
7. Os seus amigos sabem ou não da sua orientação sexual? Como tem sido seu relacionamento com eles?
8. Como tem sido seu relacionamento com as demais pessoas, tanto as que sabem como as que não sabem da sua orientação sexual?
9. Como tem sido a sua experiência de mulher homossexual em Maputo?
10. Tem sido ou não necessário esconder a sua orientação sexual? Diga-nos porquê.
11. Como tem sido o convívio com outras mulheres homossexuais e com outros homens homossexuais na Lambda?
12. No seu entender, qual tem sido o papel da Lambda para os homossexuais no país?
13. Há algum comentário que queira fazer sobre algo que não perguntamos?